



LISBOA, 20 DE JULHO N. 21

O TIMES—E A LANTERNA MÁGICA  
NÓS E OS NOSSOS ALLIADOS

*Solemnia verba.*

O *Times*, a folha da City, o velho orção do partido tory, o evangelho dos mercadores londrinos, acaba de apontar no mundo, como exemplo da demasiada liberdade de imprensa em Portugal, a *Lanterna Mágica* e, felizmente para ella, também o *Jornal do Commercio*. Este ultimo livra-nos de que sobre nós recaia, por in teiro, a indignação dos devotos nacionaes, apenas aos seus ouvidos ecoar a grande voz da folha ingleza, traduzida em vulgar.

O *Times*, o austero protestante, não achou reprehensíveis os nossos versos á Academia, as lóas a Santo Antonio, as cantatas no *Pimpão*; simplesmente achou audacioso o mais inoffensivo brinque do *Lanterna Mágica*: a innocentiissima caricatura que representa o sr. Serpa, ministro da Fazenda, pregado n'uma cruz!

Ó *Times*, ouve-nos e depois julga-nos. Aquella caricatura não é nossa. Não fomos nós, nem o nosso querido caricaturista, que a inventámos: foi a oratoria nacional! Ella é filha legitima da rhetorica parlamentar portugueza, e nós fizemos com o lapis o que o orador indigena Manoel d'Assumpção, ministerial e catholico, já tinha feito com a palavra!

Sim! elle, na sua eloquencia, fez do sr. Serpa um doce Christo, perdoado ao bom compadre; nós limitámo-nos a correr em auxilio d'uma pobre rhetorica extenuada e ajudámo-la a imprimir caracter ao novo salvador, collocando-o com o maior recato sobre um triste le-

nho! Como testemunho, porém, da nossa veneração pelo martyr do Calvario, deixámos, permanecendo em paz, na doce penumbra do mysticismo christão, a legitima Cruz do Golgotha! Nunca as nossas mãos se atreveriam a erguer de novo aquelle sacrosanto madeiro,—hoje, demais a mais, disperso em reliquias no seio da christandade,—para n'elle pregarmos um peccador e além de peccador, ministrou da fazenda em Portugal, e bacharel formado pela universidade de Coimbra! Sim, *Times*, examina bom o instrumento do supplicio, levantado no alto da *Lanterna Mágica* para o sacrificio do antigo trovador do Mondego; confronta-o: toca bom o velho madeiro carcomido. Nos braços d'aquella cruz, nunca esteve pregado Christo: esteve simplesmente pregado — o bom ladrão!

Ouçã o universo e ouçã a baixa:

Se o *Times*, para desacreditar a *Lanterna Mágica* aos olhos do grande partido conservador europeu, denunciou o nosso inoffensivo brinque do como um attentado contra as mais respeitáveis creanças dos nossos concidadãos, a *Lanterna*, d'hoje em diante, saberá modificar a norma do seu proceder regulando-o pelo proceder do partido regenerador que tão acertadamente nos rege, e espera ainda merecer os elogios da folha do Tamisa, passando, como o governo portuguez — a pagar-lhe os artigos.

Agora siga o *Jornal do Commercio*.



ECCOS

O passeio publico offereceu, domingo á tarde, aos seus visitantes a mais completa collecção de mulheres feias.



Entrando ali um individuo qualquer, dotado de algum gosto e alguma vista, sentirá o inevitavel desejo de emigrar instantaneamente para o paiz das Venus hottentotes. Não se pôde imaginar coisa igual! Caras tão feias como as que ali appareceram, só podem ser vistas em dois pontos do globo: no passeio publico ás 5 da tarde, e nas figuras de cera do Casino ás 8 da noite.

Perido pelos tremendos angulos facias que ali se apresentavam, vimos um individuo acotovelando a turba phreneticamente.

— O que procura? perguntamos-lhe.

— Um oasis, respondeu-nos.

— Não o encontrarás.

— E' impossivel; entre 600 caras sempre ha de haver alguma toleravel. Trago os olhos n'um estado lastimoso, quazi em sangue...

— Essa mania de estudar costumes...

— É uma desgraça!

Partiu.

D'ahi a pouco encontramol-o. Parecia mais satisfeito.

— Então?

— Finalmente...

— Alguma cara bonita?

— Sim, mas que trabalho!...

— Quem era?

— Um alferes de cavallaria.

A proposito das trinta inglezas chegadas ultimamente para os Recreios Wittoyne dizia um individuo:

— Se a empresa manda vir mais dez mil setecentas e setenta, do mesmo theor, temos entre nós — as onze mil virgens!

Corre na quarta pagina dos jornaes um annuncio das pilulas Holloway, com a seguinte grammatica:

«Uma posição desejavel. Não existindo a saúde, a opulencia mais fabulosa, em ter alcançado os prazeres mais deliciosos, não são da menor utilidade. É quasi incomprehensivel que um desarranjo que possa ser ractificado tão facilmente, tomando algumas dózes d'esta medicina depurativa e regularisadora não o seja sempre. As celebres pilulas de Holloway tem provado, etc.»

D'onde se vê que se nos doentes é indispensavel o sr. Holloway, ao sr. Hollway é igualmente indispensavel a syntaxe do sr. padre Amado.

Mas ao sr. padre Amado tambem é indispensavel a grammatica elemental do sr. João Felix, assim como ao sr. João Felix é indispensavel a chronica da imperatriz Porcina. Mas a chronica da imperatriz Porcina desligada das aventuras do Bertholdinho é um corpo sem alma. O Bertholdinho, obra do seculo XVI, é a fonte aonde bebeu o sr. Jayme, de Belem: — oh! que deliciosa alcatifa que o meu alphato está sentindo! Assim, querendo orientar o auctor das pilulas, eis-nos no circulo vicioso.

Que o sr. Holloway se dirija como quizer, contanto que não nos estrague a lingua dos Barros. Querirá s. ex.<sup>a</sup> ter n'ella mais um cliente?

Se assim é, que os srs. conselheiros Vialo, Silva Tullio e D. José de Lacerda, velem noite e dia contra estes attentados ao pudor da lingua portugueza.

Alguns jornaes teem attenuado ultimamente a sua linguagem, cheia de liberdades poeticas, depois da chegada a Lisboa das 30 sylphydes que hão de adornar os Recreios Wittoyne. Parece que, sob o ponto de vista particular da plastica, o entusiasmo peninsular dos nossos collegas arrefeceu um pouco. As trinta ladies, segundo nos dizem são a expressão mais completa da sociedade ingleza, nos pés, e trazem a maxima côr local — no nariz. O genero anguloso enviou á occidental praia luzitana os seus productos mais completos.

Nós ainda as não vimos; contudo pelo seguinte dialogo, que hontem escutimos, parecemos poder tolerar que a policia durma longe dos Recreios e que se não accenda o gaz em todas as alphombras. Eil o:

— Lisboa ficou lograda!

— Então porque?

— Porque as trinta inglezas que vieram para os Recreios Wittoyne... não servem para os recreios de mais ninguem!



As folhas reaccionarias, exibem a proposito dos Lazaristas os mais estranhos argumentos. Entre e'les é notavel um, do lazarista sr. Senna Freitas. Diz sua reverendissima, que o drama é absurdo porque tendo o titulo no plural, *Os lazaristas*, apresenta em scena apenas um dos personagens indicado no mesmo titulo. Depois espria-se em considerações, fazendo os mais louvaveis esforços para demonstrar, que o padre Bergeret é um typo da phantasia, — o que corresponde pouco mais ou menos a dizer que as pyramides do Egypto são feitas de algodão em rama.

Ah! decerto Antonio Ennes não tem conhecimento d'esta curiosa argumentação. O lazarista sr. Senna Freitas, quer mais collegas em scena? Pois bem! Como o genero não escasseia é facil satisfazer os desejos do pequeno Veuillot portuense.

Temos á mão a Associação catholica, a congregação de S. Luiz, o convento do Varatojo, o sr. padre Couto, o reverendo Sinigaglia, o seraphico Rademaker, o apostolico José Maria do Bem, o archanjelico Moura da Atalaia, o divinal Pancada, o dulcido prior de Santa Justa e quejandos!

O auctor dos *Lazaristas* tinha todos esses á sua disposição! Era tão simples tel-os apresentado a todos! Porque o não fez? Insondavel arcano! O padre Bergeret, queridos, é o retrato de vós todos. Escusaes de dizer que não está parecido.

Com mil pessoas contestaram a semilhança, em Lisboa, no Porto, em Coimbra e em Braga, e, todas ellas vos reconheceram ali. Bradae como emergunos! Estaes no vosso direito, mas notae que a policia quando manda tirar as photographias d'uns certos individuos suspeitos importa-se pouco que elles berrem ou deixem de berrar. O que é preciso é salvaguardar a boa fé dos simples e precaver a sociedade contra as

vossas proesas. Qual é o melhor meio? Tirar d'uma só vez, n'um unico cliché o vosso retrato e apresental-o, condensado, n'um typo.

Assim já todos vos conhecem, e ficamos socegados, na certesa de que vos não tomarão por uns cherubins quando vos apresentardes supplicantes, nem como um archanjo vingador quando vos apresentardes ameaçadores. No primeiro caso mereceis as attentões, que, na industria, teem sempre os cavalheiros; no segundo sereis tão assustadores como um santo officio de cartão. E, na vossa colera, uma coisa nos consola, e vem a ser, que os unicos supplicios que tendes para lançar-nos — é a rhetorica, e a unica victima que conseguis fazer — é a grammatica.



## O PASSEIO

I

Se accaso dentro do seio  
A chamma de amor vos ardo  
Correi, correi ao Passeio  
Aos dias santos de tarde!

Calças de boca de sino,  
Dandysmo sentimental!  
Ouvi o coro divino  
Da banda regimental,

Que mal derem cinco horas  
Á luz serena do dia,  
Nós metteremos esporas  
Ao corcel da phantasia,

Fugindo ao largo, ligeiros,  
Sem distinguirmos sequer,  
Entre os cabos de lanceiros,  
O que seja uma mulher!



O *Jornal de Lisboa*, diz-nos bruscamente, no seu ultimo numero, que o dispensemos de nos dar resposta, vista ter muitas cousas de mais importancia a que attender.

Ora, nós que sympatisamos com o *Jornal de Lisboa*, ficámos extremamente preoccupados com semelhante revelação.

Que demonio terá elle que fazer? em que diabo de trabalhos andará elle mettido?

Será a crise do Algarve que lhe toma o tempo?

Pertencerá á philarmonica dos Terramotos, e andará ensaiando reportorio novo para o dia 24?

Terá de ganhar o pão quotidiano para o sustento do *Figaro*?

Em todo o caso, elle tem o sr. José Dias Ferreira que o aninha carinhosamente nos seios.

Nós encontramol-o varias vezes; a tomar café, muito bem descansado; elle vai ao passeio publico quasi todas as noites; elle entrega-se, em fim, a toda a qualidade de libertinagens d'esta ordem, e diz-nos que tem muito que fazer!

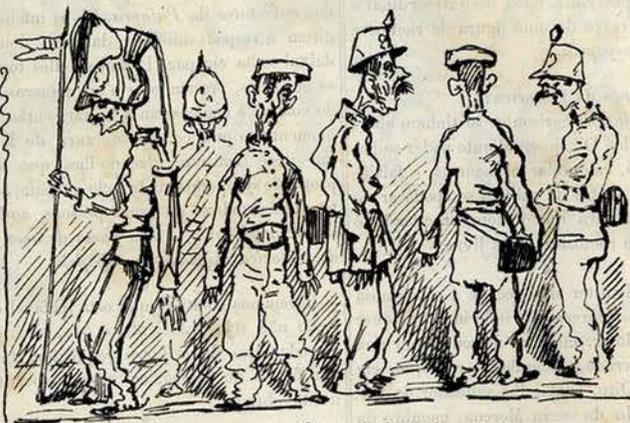
Não acreditamos!

ACTUALIDADES, por **Bordallo Pinheiro**

**PREPARATIVOS PARA A PARADA DE 24 DE JULHO**



O exercito antes da ração de carne.



O exercito depois da ração de carne.

**REI ANTONIO MARIA PREPARA-SE PARA**



N'uma das principaes guarda-roupas: — sete alfaiates em vez do matarem uma aranha, trabalham noite e dia na toilette do Rei Antonio Maria.

**A GRANDE SCENA POPULAR**



Traje de coronel d'engenheiros que o Rei Antonio deverá levar á parada: — Farda vermelha e ouro.— Calção azul Maria Luiza e ouro.— Alfange á Zanzibar. Muitas gran-cruzes e pedrarias. Deslumbrante e magnifico, conforme o figurino.— Zé Povinho adoral-o-ha e dará vivas. Nota. — Virá este uniforme na ordem do exercito.— O outro era triste e pouco popular.



Por falta de tempo serve o *milhano* d'engenheiros.— Rei Antonio ao vê-o tem *rabinisse* e chora as pennas. Levou-lh'as a traça: como supril-as?—Corvo já as não tem. Só *Sampadius* poderá ceder para isso o *gallito* que tem escondido no saguão e



em vez de puchar pelo rabo á sota, pucha pelo rabo ao gallo. As pennas não prestam, mas de longe fazem effeito e são populares. Fica assim



o chapéo muitissimo lindo.— O *Povinho* ha de gostar.

(Continúa amanhã)

Bordallo Pinheiro

Do *Diário de Notícias*:

«Desculpa-se a *Palavra* ácerca da portaria apocripa que ha dias publicou, dizendo que essa publicação nada tinha de extraordinario e que não passava de uma figura de rhetorica chamada *prosopopeia*.»

## Altos destinos da rhetorica!

Nunca tão largos horisontes se tinham aberto diante d'ella. D'hoje em diante poder-se-ha, ao seu abrigo, calumniar os homens, e falsificar as libras. Antes da politica se apoderar do criminoso elle dirá que o acto practicado é uma figura de rhetorica. Será livre.

Amanhã, visto ter sido aceite a espirituosa lembrança da *Palavra*, um individuo qualquer chega ao pé do sr. ministro do reino, com uma calumnia aperrada, toma-lhe o passo, e, em plena rua do Oiro, chama-lhe salteador da Calabria, bandido da serra Morena, membro da associação Catholica, habitante do pinhal da Azambuja, frequentador da Falperra etc.

O sr. ministro sente que o sangue lhe sobe ás faces. Recua um passo, levanta a bengala ou chama um policia. Em qualquer dos casos o miseravel insultador, tira do bolso o *Manual de estylo*, e declara que tudo aquillo não passa de uma *prosopopeia*.

O sr. ministro, provavelmente, sente-se o mais feliz dos mortaes e sobe para o seu gabinete com a alma a trahbordar de jubilos e bendizendo o 3.º anno de portuguez.

Faz muito bem.

O publico, porem, accitando a doutrina da *Palavra* pôde perfeitamente applicar-a á folha miguelista, na pessoa dos seus redactores, com uma leve modificação de forma; fazendo coincidir por diversas vezes o ponto mais anterior das suas botas, com o ponto menos anterior dos redactores da *Palavra*. Se os infelizes fugirem á responsabilidade das suas doutrinas, deixal-os-ha em paz. Porem se elles tomam-se em brios, erguendo-se n'um temeroso rasgo de colera, e começarem a apitar, então, n'esse momento, o publico não deixará de lhes dar um doce lenitivo dizendo-lhes que aquella prova de sympathia dada pelo calçado, ao ponto mais orthodoxo das suas pessoas, *nada tem de extraordinario, e não passa de uma figura de rhetorica chamada prosopopeia*.

Receiamos comtudo que esta inefavel consolação não seja sufficiente, e que, além d'ella, os redactores da *Palavra* requisitem tambem um frasco de arnica, ou quem sabe? talvez um algebrista!

Na impossibilidade de lhe enviar este ultimo, seja o governo de sua magestade compassivo, e mande-lhe, o veterinario do districto!

A grandes males, grandes remedios!



## Estudo do natural:

Scena arrebatadora passada entre um sr. ministro e um pretendente:

—Eis-me de novo aos pés de v. ex.ª

—Ditosos olhos que o vêem! Então que temos?

—Vinha pedir a v. ex.ª a graça de uma commenda...

—Oh! isso é grave! Pôde-se saber quem é o protegido?

—É o Fernandes.

—Ah! sim. Tenho ouvido fallar n'elle. Tem alguns serviços?

—Hum!...

—Basta! Concedido.

—Não sei como hei de agradecer a v. ex.ª tantos favores.

—Historias. É elle homem incapaz?

—Lá isso é.

—Finorio?

—Assim, assim...

—É um analfabeto!

—Não...

—É! É!... O amigo arranja-me um attestado de incapacidade, e eu, impossibilitado como estou de dar uma commenda ao seu afilhado, sabe o que faço?

—Manda-o para a commissão dos exames?

—Não, homem.

—Para a academia real das sciencias?

—Mão. Está tudo cheio!

—Para a policia civil?

—Não! Muito mais simples.

—Não comprehendio!

—Ora ahí vae: eu como não posso dar uma commenda ao seu protegido,—seria um escandaloso,—sabe o que faço?

—V. ex.ª dirá.

—Uma cousa muito simples: dou-lhe duas!

## ESPECTACULOS

CASINO LISBONENSE.—Empresa França & C.ª  
—Grande exposição de 162 figuras de cera divididas em 25 quadros.—Todos os dias das 11 da manhã até ás 11 da noite.  
Entrada 200 réis, ás quintas-feiras 300 réis.

## SECÇÃO DE ANNUNCIOS

## ESPECIALIDADE DE CHAPEUS E CONFECÇÕES PARA SENHORAS E CRIANÇAS

CHAPEUS de todas as qualidades e feitos pelos ultimos modelos de Paris, grande e variado sortimento para senhoras e creanças, de 2:000 a 10:000 réis.  
Arranjam-se todos os chapéus antigos á moda. Ha todos os preparos precisos para chapéus de qualquer qualidade e enfeites para vestidos.

## ATELIER DE COSTURA

Fazem-se vestidos, casacos, capas, fatos de creança e enxovaes completos para noivas, á vista dos ultimos figurinos, tudo muito barato, com perfeição, brevidade e o mais apurado bom gosto.  
Recebe-se toda a qualidade de encommendas de todo o reino, das ilhas e de todas as terras do Brazil, satisfazendo-se de prompto, e tratando-se dos despachos.

61, TRAVESSA DE SANTA JUSTA, 1.º

(Segunda escada vindo da rua Augusta para a rua da Prata)

LISBOA

## A LANTERNA MAGICA, folha diaria

## CONDICÇÕES DA ASSIGNATURA

Lisboa, por mez.....	6400 réis	Avulso.....	5020 réis
Provincias, idem.....	6530		

Toda a correspondencia relativa á administração, rua do Norte n.º 145, 1.º—Para a redacção á rua do Principe, 23, 1.º—Lisboa.

Typ. de Christovão Augusto Rodrigues, rua do Norte, 145.